O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis — Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 27 | **TERÇA-FEIRA 1 DE OUTUBRO DE 1861** | **PRIMEIRO ANNO**

AVISO.

Anda-se assignando nesta cidade uma representação a S. M. pedindo a transferencia da classe em que a lei de 30 de setembro de 1860 collocou Aveiro, a fim de serem alliviados os seus habitantes da injusta e onerosa quota industrial que por aquella classe lhe é imposta. Ás pessoas a quem por inadvertencia não for apresentada, e queiram concorrer com a sua assignatura para que se faça esta justiça á sua terra; pede-se se dignem procural-a na Praça, loja do sr. Bento José d'Amorim, onde se acha patente.

AVEIRO

A maneira porque em algumas povoações tem sido cumpridas as disposições da nova lei de contribuições, tem descontentado o povo, e preparado o terreno para novas commoções populares. Existe nos animos uma fermentação surda e latente, que teria já rebentado em sedicção declarada, se o espirito do povo portuguez não estivesse felizmente tão contrario a toda a especie de revolução, e tão fatigado de luctas e discordias civis.

Um correspondente de um jornal do Porto diz a este respeito que em Faro o socego é apenas apparente, e motivado pela força militar que ali se acha, accrescentando «que isto procede do modo barbaro porque foi feito o lançamento das novas contribuições, porisso que nem os escrivães de fazenda entenderam a lei, nem quiseram attender ás justas reclamações dos povos, dando assim lugar aos acontecimentos de Loulé e Olhão, que seriam erguidos em mais pontos daquella provincia, a não serem os conselhos prudentes d'alguns proprietarios e pessoas influentes.»

Sempre que se lançam novas contribuições sobre o povo, é preciso que haja muita discripção e tino para lhes attenuar a repugnancia que inevitavelmente ha, em todos, de as pagar. O espirituoso dicto do nosso D. Francisco d'Almeida que apontou como a melhor occasião para lançar os impostos, sem que os povos os sintam, aquella em que elles se acham dormindo, podem aproveital-o, como avisada indicação, aquelles a quem estão incumbidos os lançamentos e distribuição de todas as contribuições novas.

Por mais tenue que seja qualquer imposto, sempre os povos o sentem; porem a brandura e egualdade com que se poem em practica uma lei nova contribue muito para diminuir a repugnancia com que ella é acceite. E' este o verdadeiro modo de adormecer o contribuinte, que paga de muito melhor vontade um imposto que se apresenta igual e justo, do que uma contribuição onerosa, desigual, e cobrada com imprudente rigor.

Porisso quando em vez de pôr em pratica os meios de conseguir este disederatum, se tracta de esbulhar os contribuintes, ou mesmo, sem comprehender a lei, se commettem injustiças e desigualdades na distribuição, os povos revolucionam-se, e só pagam compellidos por força maior.

É o que acontece no Algarve, e o que acontecerá ainda por ahi em muitas outras localidades. Na maior parte os escrivães não entendem a lei, e outros não a querem entender. E é isto o que poderá ser causa de mais algum disturbio, o que prova menos contra a indole do povo, do que contra a pouca capacidade d'alguns empregados do fisco.

Não sabemos se tambem algum espirito de partido anda a occultas excitando a animadversão popular; se anda, é seguramente um miseravel expediente. Explorar a indignação do povo, promover a lucta e a discordia civil, para conseguir um fim politico, nunca será, na nossa opinião, um meio decente, nem honesto de guerrear qualquer administração.

Desejamos que ao povo se faça, neste primeiro anno da execução da lei, toda a possivel lenidade, repetimos. Pedimos toda a moderação e brandura nos meios de o convencer da necessidade de maiores contribuições, até que elle reconheça essa necessidade.

Mas não louvamos que se traduza em alvorotos o descontentamento popular, que tem um desafogo legal no direito de petição. E' deste direito de petição que nós aconselhamos a usar todos aquelles que se julgarem lesados.

A. P.

O *Diario de Lisboa* de 23 do corrente publicou a relação dos requerimentos, em que se tem pedido remissão de fóros pertencentes ás corporações a que se refere a carta de lei de 4 de abril do presente anno.

Entre os requerentes apparece o padre Antonio José de Sousa Ribeiro, pedindo a remissão do fôro de 20 alqueires de milho, e 20$000 rs. em dinheiro, pertencente ao mosteiro de Arouca.

Este padre Antonio José de Sousa Ribeiro é aquelle mesmo ex-procurador geral do convento d'Arouca, que soube seduzir as freiras, para que lhe afforassem por aquelle fôro annual todos os predios, que ellas possuem na villa d'Estarreja, e que vallem 8 contos de rs.

A escriptura do contracto foi celebrada em 22 de março ultimo; e no dia seguinte o bom padre se appressou a tomar posse dos mesmos bens.

Algumas pessoas tinham proposto ao convento o afforamento destes predios por quantias muito superiores, e aproximadas, como era rasão, ao rendimento delles.

O mosteiro sabia bem que tinha ali um capital de 8 contos; a que correspondia o juro de 400$000 rs.

Com toda a submissão e respeito que aquellas casas costumam tributar aos seus padres procuradores, presentes, ou preteritos, exposera antes o convento a duvida conscienciosa, que tinha em afforar ao sr. padre Antonio José de Sousa Ribeiro de Figueiredo os bens que possuia em Estarreja por 20 alqueires de milho e 20$000 rs. em dinheiro, que eram apenas 6 por cento do foro razoavel.

Consta-nos que o reverendo nonno fzera humilía ás religiosas, na qual lhe provára que o maior peccado que ellas podiam cometter era deixar o governo herdeiro de alguns bens por morte da ultima freira. Que isso era dar armas aos inimigos da religião e dos conventos. E que o meio de fazer maior serviço a Deus e á religião neste assumpto, era aforar, pois que não podiam doar, por preços infimos, não só os bens d'Estarreja, mas todos os que o convento possuia; com tanto que esse beneficio fosse feito a pessoas religiosas, e tementes a Deus, como elle julgava ser.

Parece que o sr. padre Antonio acabára de pôr em socego as freiras, promettendo-lhe absolvel-as de quaesquer escrupulos, que por ventura lhes restassem.

Logo que se fez um contracto tão escandaloso, as auctoridades locaes deram conhecimento delle a seus superiores, e estes ao governo, pedindo que providenciasse sobre o caso, que por sua torpeza tinha revoltado, e indignado o publico.

Houveram requerimentos particulares feitos ao governo, em que se fazia offerta de fôro muitas vezes duplicado, ou de preço correspondente ao valor dos predios.

O governo porém ficou silencioso, e eram volvidos alguns mezes, sem que alguma providencia fosse dada.

Clamámos então neste jornal contra a inercia e indolencia do governo, que o arguiam de patronato fraudador da fazenda publica.

O padre asseverou sempre, e continua a dizer que o governo lhe ha de confirmar o afforamento, porque para isso tem bons empenhos a quem o ministro não poderá faltar.

Parece pois que não póde duvidar-se do favor que se dá ao sr. padre Antonio para completar a sua expoliação.

Os defensores do governo acudiram a desculpal-o. O governo ainda não confirmou o contracto, disseram elles, e quando não faça justiça, o principio da desamortisação, que hoje é lei neste paiz, virá acabar com todas as duvidas suscitadas sobre o caso sugeito.

Não confirmou o contracto!

E porque não declarou ainda, sendo passados tantos mezes, que não o approva, porque elle é enormissimamente lesivo?

Não sabe elle que o sr. padre Antonio está de posse de todos os bens, que póde damnifical-os, deprecial-os extraordinariamente, que vai recebendo quase 20, por um sómente que paga de foro; e que não ha caução alguma para prejuizos?

A lei da desamortisação acaba com todas as duvidas no caso sugeito!

Acaba, é verdade; e por um modo muito lisongeiro aos interesses do sr. padre Antonio.

Tudo fica terminado pelo modo seguinte.

O emphitheuta requer ao governo a remissão do seu fôro de 20 alqueires de milho, e 20$ réis em dinheiro. Este requerimente já está feito, e publicado no *Diario de Lisboa* de 23 do corrente.

O governo admitte-lhe a pertenção, concedendo-lhe a faculdade de remir. O fôro é comprado por cerca de 500$000 rs, e o padre fica com os predios todos que o mosteiro d'Arouca possue em Estarreja, e livres, e allodiaes, e que bem vallem oito contos de réis, com o só desembolso de 500$000 rs!

A pezar de que todos os precedentes auctorisam a acreditar que neste negocio anda muita protecção, e favor ao sr. padre Antonio, o roubo é por tal modo flagrante, e inaudito, que não acabamos de crer que o governo seja tão immoral, que deffira ao requerimento que o emphitheuta fez para a remmissão.

Seria isso o cumulo dos escandalos, o *non plus ultra* do cinysmo mais revoltante.

Os redactores dos jornaes progressistas reunidos no escriptorio d'esta folha resolveram publicar a seguinte

EXPOSIÇÃO

As nossas lutas armadas, juntaram em torno da bandeira popular muitos cidadãos. Das camaradagens revolucionarias, nasceram relações politicas, e porque eram em alguns casos incongruentes, mal podiam ser definitivas.

Obliterada a linha divisoria dos partidos, e debilitado o principio governativo por tão continuadas e confusas dissensões, cresceu no paiz a opinião, e a vontade de fortalecer pelo concurso de todos os cidadãos, os poderes publicos, principalmente para os habilitar a levar ao cabo os melhoramentos capitaes da nossa época.

Estas transacções inspiradas pelo amor do paiz, e facilitadas pelo cansaço politico, produziram na administração do estado alguns resultados, sobre cuja utilidade variaram as opiniões; mas sem contestação introduziram no nosso tracto politico tendencias e habitos, que, se não forem promptamente combatidos, podem eivar para sempre a nossa vida constitucional, e n'um futuro mais ou menos remoto, pôr em risco as liberdades do paiz.

Está decadente a fé nas doutrinas de cada gremio politico. As reservas conscienciosas, que muitos cidadãos fizeram nas suas crenças, aspiram a constituír-se crenças novas. As maximas adoptadas em certas hypotheses politicas, inculcam-se como normas constantes de proceder. Os expedientes auctorisados pelo seu longo predominio, querem substituir as regras constitucionaes. Esquecendo cada parcialidade d'onde veiu, pensam que podem, sem inconveniente, caminhar juntas a um fim indeterminado.

E' preciso quanto antes parar nestas concessões mutuas, nestas complacencias habituaes. E' urgente, sem odios nem ruins tenções, consultarem-se os homens publicos e reconstruirem-se os gremios politicos, não para retomarem todas as aspirações e praticas de que o tempo já fez a devida critica, mas para se restabelecerem a escrupulosidade doutrinal, que é a guarda da consciencia dos individuos e das multidões, e para retemperarem o caracter, contemplando a sua origem, a sua historia, e os seus destinos.

FOLHETIM

SUMARIO

Sorrisos e lagrimas — Difficuldade na escolha — Vinganças dos caixeiros — Fóra os doudos = Começar o folhetim quando elle vae no meio — «Poesia ou dinheiro?» = «Um escandalo no theatro do Rocio» — Onde estão as senhoras?

Não sei se deva começar pelos surrisos, se pelas lagrimas. Eis-me aqui parado no adito do folhetim, sem poder atinar com o caminho que deva seguir.

Esta hesitação parecerá pouco natural, mas não o é. Quando se offerecem á nossa vista dous objectos differentes com qualidades proprias, destinados a fins diversos, não sentimos certo embaraço, uma quasi difficuldade em nos decidirmos por um? Não tem acontecido a v. ex.ª, minha cara senhora, passar boa parte do dia em um estabelecimento de modas, com o fim unico e simples d'escolher um chale?

O caixeiro apresenta-lhe primeiro um, que não tem os requisitos exigidos pelo seu delicado gosto, depois outro, que é posto de parte, porque está no mesmo caso, e em seguida muitos outros, que v. ex.ª igualmente recusa.

—É preciso escolher, diz seu marido, seu tio, ou seu mano, emfim a pessoa, que a acompanha. São quasi duas horas. Sahimos d'ouvir a missa das onze na Misericordia, e viemos direitos para aqui. Isto não póde ser. Faz-se tarde, e tenho de ir depois de jantar ver o arroz alli a Esgueira.

— Olha, menino, tem paciencia. Espera mais um pouco. Repara para este. Que te parece? Se, em vez do florão no meio, tivesse um em cada uma das quatro pontas, havia de produzir melhor effeito. Entretanto não se me dá de ficar com elle....

E torna a pegar no primeiro chale, que lhe mostraram, e no segundo, e em todos. E cada um tem já adornado os seus hombros, que decididamente são bellos, por mais que v. ex.ª os occulte a quem tanto os deseja admirar.

Passa-se o tempo, a impaciencia torna a vir. De hesitações em hesitações, v. ex.ª reconhece que é tarde, e sahe sem ter feito a acquisição do que ambicionava.

Aquella multidão de chales, a pressa do seu companheiro, o receio d'escolher mal inleou-a por tal modo, perturbou-a a ponto de ver em cada chale um kaleidoscopo de mil variegadas côres. Sahiu como entrou; levando porem após de si as maldições do caixeiro, que trabalhou uma manhã inteira sem proveito para elle, nem para o estabelecimento.

E as maldições d'um caixeiro, a respeito de uma fregueza, que muitas vezes o encommoda, comprando poucas, significam mau modo na primeira occasião em que de novo se apresente, significam que lhe ha de vender gato por lebre, significam a demora da criada quando v. ex.ª a encarregar d'alguma commissão.

Oh! os caixeiros são vingativos como qualquer Othêlo! cuidado com os caixeiros.

Ahi estão em uma figura talvez demasiadamente longa, representadas as difficuldades que tive em entrar pelo folhetim.

Quod abundat non nocet — mente o rifão neste caso.

V. ex.ª deve saber... Ah! não sabe, não. V. ex.ª não sabe, porque se deixa ficar em casa a verificar as peças de roupa branca, que a lavadeira acaba de trazer, ou occupada em negocio d'igual transcendencia, que em Aveiro se acha actualmente uma companhia dramatica do Porto, e que esta companhia, alem d'outras recitas, representou na quarta feira um drama e duas comedias.

O drama é do sr. Camillo C. B., as comedias são... filhas de pais incognitos, creio eu, senão, orphãs de pae e mãe.

Poesia ou dinheiro? é o drama, as comedias uma *Doudos e não doudos*, outra *Um escandalo no theatro do Rocio*.

Postos os *Doudos* fóra, por serem de mais, e porque a plateia mui *judiciosamente* os celebrou com as suas palmas, restam-nos a *Poesia ou dinheiro?*—lagrimas—e o *Escandalo no theatro do Rocio*—sorrisos.

Sobejavam-nos os *Doudos*—Que fazer dos *Doudos?* Pozemol-os fóra. Entre lagrimas e surrisos por onde escolher.

E' melhor começar a chorar para acabar a rir—Isto, junto com a comedia os *Doudos*, verdadeiro aleijão comico, é que nos embaraçou. Felizmente a ideia veiu a tempo de... começarmos o folhetim quando elle vae quasi no meio.

A *Poesia ou dinheiro?* é um drama da moderna escola, que satisfaz todas as exigencias do genero, realçado pelo estylo brilhante do grande romancista, pela simplicidade da acção, e mais especialmente pelos typos, meio phantasticos, meio naturaes, que nos apresenta.

A *Poesia ou dinheiro?* causou-me medo, porque teve o poder d'incutir em mim a ideia de que era possivel no mundo positivo a realisação daquelle personagem chamado Carlos.

E não é. O cynismo é só um. As suas creaturas são todas as mesmas, revellando-se-nos sob faces distinctas de malvadez e preversidade.

Mas o que o cynismo não póde fazer, o que elle não pode gerar é um ente que resista

Acabar com os partidos é uma utopia seductora, que a ser possivel, importava uma revolução no viver actual dos homens e nas nações, passando a humanidade a uma existencia, que por ventura não seria a mais digna, nem a mais feliz.

Baralhal-os, amalgamal-os, prender as suas idéas oppostas nos laços de uma conveniencia mysteriosa, encontrar a acção de uns com a acção dos outros, e ensinar-lhes por unicos dogmas a paciencia, e a subjeição é arruinar toda a actividade social, é impor á consciencia publica um sacrificio, de que o systema representativo não só não carece, mas com que é de todo o ponto incompativel.

Desenganemo-nos, não ha governo constitucional sem opposição, e a opposição é a censura livre dos actos do governo, tão livre da pressão resultante das opiniõestransitorias feitas pela paixão do dia, como da aspiração constante á gerencia immediata do poder,

O systema representativo é o governo da consciencia publica; e a consciencia publica, fóra das erupções de sentimento, que nenhuma consideração embarga, tambem sabe contrapesar os principios com os interesses; mas avalia estes em relações tão altas e tão extensas, que, d'este modo considerados, vem a constituir o bem commum que é o primeiro de todos os principios, é o ponto para onde devem convergir os esforços da rasão de todos os homens publicos.

A opposição assim concebida é um trabalho e uma funcção social. O primeiro dever dos povos esclarecidos, é erigil-a e mantel-a n'estas condições.

Se o paiz não crear por si esta força constitucional, ninguem a creará por elle. N'ella estão todas as suas garantias, e todos os seus direitos.

A' satisfação d'esta primeira necessidade do systema representativo, se encaminham os nossos esforços. Suscitamos as forças moraes e intellectuaes do paiz, não só para travalharem no julgamento das coisas publicas, mas tambem para influirem com os seus juizos sobre a governação do estado, pondo cobro ás demasias de qualquer governo, e excitando a sua acção legal e benefica.

Um parlamento pode ter quanto baste para organisar temporariamente a governação do estado, mas não pode crear, propagar e robustecer a censura politica, desapaixonada, conscienciosa, forte, vehemente, perceverante, corajosa, incançavel; esta censura politica perante a qual passam em revista todas as situações, que a todas faz justiça, que em nenhuma se desautorisa, e que filha da sociedade, a aconpanha em todas as suas transformações, vivendo d'ella e para ella.

Os partidos que ultimamente em diversas epocas tem assumido o encargo coustitucional da opposicão, não o tem podido desempenhar nesta latitude e pureza. Obrigados a gerir o poder em circumstancias que não lhe permittiam o recto exercicio d'elle, perderam nos negocios, não a capacidade que tinham para governar, mas uma parte da auctoridade politica, que demandam os trabalhos da censura governativa e administrativa.

Entram as nossas parcialidades na governação do estado como se o governo fosse o termo da vida constitucional de cada uma d'ellas, quando não é senão um curto episodio na aturada lide de cada eschola politica. Avançam, entranham-se ao acaso no territorio aberto ás suas conquistas, sem terem deixado communicação segura com a base natural das suas operações, que é sempre o gremio onde cada um nasceu, e d'onde saiu para aquellas aventurosas jornadas. Por isso quando a opinião lhes não corta de todo a retirada, ficam dispersas pelo campo da peleja, aggregando-se depois á primeira força que lhes proporciona auxilio. e lhes promette a victoia.

Não vamos constituir um partido no sentido usual que se dá a esta palavra. Para isto não ha em nós mais ou menos direito do que em todos os outros cidadãos, nem nos parece que tivessemos que impetrar licença de quem quer que fosse para fazer mais um baptisado politico.

Pretendemos reconstruir e ampliar o partido progressista, por meio de boas adherencias e sympathias. congregando todos os elementos d'elle, dispersos pelos differentes gremios, que as circunstancias crearam, tomando por nucleo d'esta aggregação politica a parte d'esse grande corpo, que julga necessario pôr termo ás suas concessões, e tornar ao seu natural serviço de velar pelas coisas publicas, apreciando-as não pelo antigo prisma d'aquelle partido, que não podia ficar immutavel, mas segundo estão ensinando a experiencia dos acontecimentos e o influxo dos tempos.

Uma opposição d'estas não é engenho para derribar indistinctamente todas as situações e guerrear por conveniencias fugitivas todos os homens publicos, esquecendo sem motivos serios os seus principios e serviços. Não limita egualmente esta opposição a sua tarefa a definir doutrinas e a sustentar theoremas, consumindo todas as suas faculdades em trabalhos puramente especulativos.

A opposição é militante; mas não é facciosa. Não se constitue para requestar o poder, mas não o desdenha, nem o rejeita, porque o reputa um dever imposto pela lei constitucional, e os deveres cumpram-se.

Se ha mais tempo se tivesse emprehendido este trabalho, não se teriam accumulado tantas difficuldades na governação publica, e não seria preciso vestir agora á pressa estas armaduras constitucionaes, que os partidos populares devem ter sempre á mão. Mas alguns annos de desunião e de descuido foram effectivamente aproveitados pelos fautores de uma restauração de doutrinas, tão indiscreta como impossivel, para semearem por todo o reino perigosos elementos de reacção de diversas procedencias e qualidades, mas de egual damno e alcance; e hoje o *paiz* onde as liberdades publicas são mais latas, vê-se assoberbado de influencias centrarias ao espirito do nosso governo, e ás dominantes opiniões do partido liberal. Se o povo portanto não fôr previsto e activo arriscará os principios e as instituições, que tanto lhe custaram a ganhar.

Não queremos, repetimol-o, instaurar mais um corrilho, nem juntar mais uma ás parcerias existentes. O nosso fim é crear, pelo influxo da opinião, uma atmosphera politica em que só vivam as que tiverem as condições normaes de existencia constitucional, e em que funccionem as que poderem sem suffocação respirar o ar de todos os progressos sociaes que hoje se agenceiam e logram sem turbação de nenhum estado, assombramento de nenhum governo, nem injuria de nenhuma escola.

Os abaixo assignados, redactores de diversos jornaes, accordaram entre si, sustentar pela imprensa e propagar por todos os meios legaes as idêas e designios que deixam indicados; pedindo a bem delles a cooperação de todos os cidadãos que entenderem que no bom exito deste nosso empenho lucra o systema representativo e os progressos do paiz.

Manuel Thomaz Lisboa.
José Estevão.
José Maria Latino Coelho.
Manuel de Jesus Coelho.
João Felix Rodrigues.
José da Silva Mendes Leal Junior.
Luiz Augusto Rebello da Silva.
Jacinto Augusto Freitas Oliveira.
José Elias Garcia.
Mariano Chira.
Gilberto Antonio Rolla Junior.

(Politica Liberal.)

ESTRADA DE AVEIRO A VIZEU

Quando depois d'uma questão tractada, e discutida como estava a — se a estrada de Aveiro a Vizeu deve ir pelas Talhadas, se por Pessegueiro — apparece um terceiro, como o sr. Santos Tavares, que sem nada accrescentar ao muitas vezes dito e repetido, se apresenta como verdadeiro descubridor da pedra philosophal, como padre mestre na materia: é força depôr por um pouco o caracter serio para castigar insolencias.

Assim o fizemos no n.º 18 deste jornal, mas ainda assim nos não dirigimos á pessoa do sr. Santos Tavares ; o ridiculo, de que lançamos mão era todo relativo ao seu dizer, e nunca á pessoa.

Mas o sr. Santos Tavares foi mais adiante, desceu á injuria mintindo, não teve escrupulo, sendo ministro do altar, d'injuriar o proximo, de faltar á verdade descaradamente, em fim de se fazer hypocrita, para ver se é crido ; quiz-nos reprehender por truão, e elle mesmo desce á troíce, quando falla dos Lobos.

Tiremos pois a mascara a este sr. padre, mostremos ao publico como é calumniador, mentiroso, e hypocrita.

Diz o sr. padre fallando a nosso respeito — com aquella grosseria, e urgulho palerma, que todos lhe reconhecem — sim, se são todos é tambem o sr. padre, mas nós nunca o vimos, nunca tractamos, que nos lembre ; por conseguinte o sr. padre não poderá conhecer-nos essa grosseria, esse orgulho palerma ; logo o sr. padre mentiu ; nós seremos grosseiro e urgulhoso palerma, mas porque o sejamos, o sr. padre não tinha direito a accusar-nos d'isso em publico, ou por outra, a publicar nossos deffeitos ; o sr. padre, por conseguinte, injuriou-nos, porque se nos conhecia deffeitos não usou com o — *si frater tuus pecaverit...* — entende sr. padre?

Que não conheciamos, nem conhecemos o sr. Santos Tavares é tão verdade, que depois que principiaram a apparecer artigos em seu nome, temos perguntado a varios individuos quem seja, e só um encontramos, que nos disse conhecia o sr. padre ; mas que a obra não era sua, mas sim de F..., que querendo que a estrada lhe passasse á porta, e a instancias tambem de outro F... escrevia os artigos, e porque se não dissesse, que eram interesses particulares, os faziam assignar pelo sr. padre, não porque o seu nome lhes dê credito, mas porque, como distante dos pontos, por onde a estrada tinha de passar, podia arrotar-se desinteresse.

Seja porém, o que for, escreva ou assigne o sr. padre sómente os artigos, é certo que são seus, ao menos adoptivamente, e assim o sr. padre é quem carrega com a responsabilidade, assim como com as honras, mas o sr. padre, ou quem quer que seja, não faltem á verdade, e ousem attribuir essa falta aos outros.

Uma falta de verdade, e por outra uma mentira, se apresenta logo nas primeiras linhas do artigo que vem no n.º 957 de 28 d'agosto, porque se diz, que uma lei decretara a estrada por Albergaria, mas não a decretara por Pessegueiro, quando é certo, que uma lei a decretou tambem por Pesseguciro.

Não nos fazemos cargo de innumerar as faltas de verdade ou mentiras, que se apresentam nesses artigos, que vem em outros n.os, que muito temos que dizer sobre o artigo — *Ultima pedra . . .* — do n.º 962.

Disse o sr. Santos Tavares, que segundo o seu plano se evitava a ponte d'Angeja, e nós respondemos, que 38 mil fogos do districto de Aveiro não haviam de estar condemnados a passar perpetuamente nessa jangada; e que faz o sr. Santos Tavares, em vez de contar os fogos do norte do districto de Aveiro, e os do sul ; os povos do districto, que passam pela Rata, e os que desta ponte se não utilisam, passa a fazer outra conta de fogos e pessoas, aberra, foge do ceno ; nós dissemos, e dizemos, que a ponte d'Angeja serve para 38 mil fogos do districto de Aveiro, ao menos nas suas relações com a capital delle, e que a da Rata apenas a 3 mil, e o sr. Santos Tavares entende, que a ponte d'Angeja só serve para conduzir a farinha e pão para Aveiro, por que Aveiro se fornece por ahi.

Sim, senhor, isso mesmo, as farinhas e pão para a cidade, já é uma rasão de mais, porque se deva fazer antes a ponte d'Angeja do que a da Rata, aquella ao menos dá transito aos farinheiros e padeiros (que não entrariam na conta do sr. Agostinho Nunes ; e como a faria elle? a de Angeja poderia fazer-se pelos 5 rs., mas a da Rata...?), que tem tanta relação com Aveiro, como pão com o alimento, com a vida ; por conseguinte a ponte d'Angeja, por necessidade mesmo de Aveiro, deve fazer-se ainda antes que a da Rata; e ahi tem o sr. padre como a sua economia nesta parte desapparece.

E ainda se nesse calculo, que o sr. padre faz dos fogos, que utilisam por uma e por outra estrada, fosse exacto, fosse fiel, bem estava; mas que faz? occulta mais do duplo dos fogos que utilisam pela estrada do norte, e mette na sua do sul freguezias, que tem de ficar a grandes distancias; verdade, verdade, sr. padre: nós das freguezias além da Rata não conhecemos nenhuma, mas de cá d'Agueda, Recardães, Travassô, Trofa, Segadães etc. etc., temos conhecimento d'ellas, e então assim como metteu todas estas freguezias na maior parte das quaes a estrada não vem a tocar, menos que não leve muitos zigues-zagues, como o sr. Santos Tavares se lembrou de dar-lhe de Albergaria para Vouga etc., porque não metteu para o calculo da estrada do norte as freguezias de Canellas, Fermelã, Salreu, S. João, Alquerubim etc. etc.? porque quem quer fugir á verdade trapaceia; mas a verdade, sr. padre, é filha de Deus!!!

A estrada por Albergaria é muito mais districtal, do que por Agueda, por Albergaria interessam mais de 38 mil fogos do districto de Aveiro, a estrada por Agueda, não fallando nos fogos do concelho d'Aveiro, interessará a 3 mil, pouco mais ou menos ; veja pois a differença, e que é tão versado nos mappas da população do districto, olhe para elles, e conte os fogos do norte do districto de Aveiro, e os do sul, e deduza destes, os que se servem pela estrada da Gafanha, e achará a conta.

O sr. padre diz — nós só á um mez principiamos a escrever sobre este objecto — este dito faz-nos persuadir ser verdade o que nos disseram — ser o sr. Santos Tavares sómente pae adoptivo dos artigos, que em seu nome tem sahido, ou o sr. padre falta á verdade quando pode e quer ; pois não se lembra que estamos em setembro, e que no 1.º de julho já nós lhe demos a segunda resposta a um artigo seu? Não lembrará, e não admira.

E um homem, que assim falta á verdade, que para a sua argumentação traz o que não é, e deixa o que é, atreve-se a dizer como diz — haja um momento de boa fé srs. — e poderá dizer-se, que este homem não é hypocrita? Pois falta assim á verdade, e attribue-o aos mais, para se dizer verdadeiro, e não é isto hypocrisia?

O sr. Santos Tavares dá como motivo de principiar a escrever ha um mez, o não poder por mais tempo contêr a indignação; pois não sabia, que se não devia indignar, que deve soffrer com paciencia como ministro d'um Deus todo paz, todo paciencia!!? Deixe-se d'indignações, que inquietam o espirito, e fazem mal á alma, diga, diga a verdade — Agueda por muito tempo se não lembrou da estrada para Aveiro, e não queria senão um ramal a entroncar com a estrada de Aveiro a Vizeu, e isto chegou a pedir sómente, mas Agueda, pela eleição do seu ultimo deputado, concebeu novas esperanças, novos planos fez, e principiou a lembrar-se da estrada de Aveiro a Vizeu por Agueda, e neste sentido representou, e para coadjuvar esta idêa d'Agueda, e do seu deputado veio o sr. Santos Tavares escrevinhar, ou assignar — eis-ahi como foi.

Quer tambem o sr. Santos Tavares que lhe expliquemos, porque se insta porque d'Albergaria se venha á ponte de Vouga, porque se falla em fazer soffrer ao viandante legua e meia (das antigas) de volta, vindo a Vouga, é porque se lembram, que assim se fará sobresahir em economia o traçado pelas Talhadas ao de Pessegueiro, porque decretado o das Talhadas, sem o apendix da ponte de Jafafe, facil era o dar principio a algum lanço lá para as Talhadas, e depois da obra não permittir retrogradar das Talhadas encarecia-se a volta da ponte de Vouga, a necessidade da estrada d'Agueda a Aveiro, e de com esta entroncar a das Talhadas, estas é que são as vistas, de quem manda o sr. Santos Tavares, que d'outra fórma era perder Agueda completamente, como se ha de perder se se fizer a estrada, e deixar esta d'atravessar a villa.

O sr. Santos Tavares diz, que notara os sitios onde se tinham de gastar grandes sommas, nomeara valles e ribeiros para mostrar que era necessario seguir um de seus alvitres ; sim senhor, no traçado por Pessegueiro apresenta e engrandece difficuldades, e cala as do traçado pelas Talhadas, por ahi não ha ribeiros nem, valles, nem penedos a quebrar ; fez então, como agora, com a conta dos fogos : desengane-se, sr. Santos Tavares, destas duas cousas — 1.ª as estradas são para os homens, e para as cousas, e então devem ir pelo mais povoado, pelo mais rico, pelo mais aprazivel, se isto se poder combinar, servirão maior número ; e por isso a sua estrada por Agueda nada serve a Vizeu e Porto nas relações commerciaes, que nenhumas são por intermedio d'Agueda, a não ser transportes em occasião de feira, por falta d'outra estrada, e por causa do rio, se vae pelo antigo concelho d'Alafões, é pela parte mais pobre, deixando de tocar as freguezias

---

aos laços do sangue, e que desconheça totalmente a voz da natureza.

A ideia fundamental está no proprio titulo do drama *Poesia ou dinheiro*?

Uma mulher moça, espirituosa, instruida, e que tem dado o seu amor a um poeta, pobre de dinheiro, mas rico de talento, antiga visita de sua casa, é obrigada, para satisfazer aos calculos pecuniarios do irmão, que a arruinou a ella, depois de se ter arruinado a si proprio, a casar com um brazileiro.

O casamento matou-a, e o irmão, o cynico, assiste impassivel á agonia d'aquella martyr, abreviando-lh'a talvez com insultos e duvidas ácerca da sua honra.

A sede de dinheiro poderia talvez leval-o a ter força d'exigir tal sacrificio, mas o que é falso, é que tal força o não abandonasse em presença da irmã, caminhando livida e descarnada para o tumulo que lhe abrira.

O poeta dirá em consciencia se aquelle typo é filho da sua imaginação, ou se crê que elle tenha o exemplar na realidade da vida.

Ao inquestionavel merecimento que a sr.ª Maria da Conceição Soares possue como actriz dramatica, e á intelligencia com que os srs. Ferreira, pai, e Amorim desempenharam os seus papeis, se deve em parte o exito, que o drama obteve.

O leitor já sabe que lhe vou agora fallar da comedia. Esta transição não é difficil d'executar. Se alguem se commoveu com a simples narrativa que fizemos, é tempo de depôr a tristeza, e de se preparar para rir.

Um escandalo no theatro do Rocio é uma daquellas comedias, que não tem merecimento proprio, e cujo bom ou mau effeito no publico depende unica e exclusivamente do talento dos actores.

A sr.ª Maria Candida Moreira está alli como nós em nossa casa. Percebe-se ao minimo gesto, que faz; á mais ligeira intonação, que dá á sua voz; que a comedia constitue o genero, a que mais se presta a sua intelligencia. Tem graça, tem vivacidade, dotes estes que suprem mui bem os defeitos que algum rigorista lhe attribua.

Uma senhora que occupa um camarote de bocca, julga ver reproduzida em scena, na propria comedia que se representa, parte da sua vida mais intima. Encontra analogias onde as não ha; pontos de contacto com os seus segredos domesticos.

Enfurece-se, braveja, ameaça os actores, que se conservam no palco, esperando a passagem da tempestade, mas não ha nada que a acalme.

— Você pensa que me engrola, exclama a matrona.—Para cá vem de carrinho...

—Cale-se, senhora, diz um dos actores que está em scena, senão chamo a auctoridade.—

Casualmente achava-se presente o regedor do bairro da Vera-Cruz, que declarou em voz bem clara, que não tinha ingerencia em tal contenda.

Este episodio deu lugar a estrepitosas gargalhadas.

Nisto, menos a declaração do regedor, e em cahir o panno, em consequencia do espectaculo ser interrompido, é que consiste a comedia.

Já estava enfastiado e aborrecido. O aspecto da casa é tristonho; os bancos de mui problematica commodidade, sem encosto, deixam no corpo do espectador estragos difficeis de remediar.

Todas as imperfeições, todas as faltas, que alli se notam, estão sobejamente reclamando o acabamento das obras começadas para o novo theatro.

Do aspecto da casa, da dureza dos bancos me esqueceu; mas o que me ha de lembrar sempre, o que não pode sahir da minha imaginação é o que ouvi dizer a um estrangeiro, das minhas relações, que se achava ao meu lado na plateia.

— Não é costume em Aveiro virem as senhoras ao theatro, me perguntou elle.

— É.

— Mas não está cá nenhuma.

— E' verdade, não está cá nenhuma.

— Haviam de gostar, se vissem. A companhia não é má.

— Haviam de gostar, haviam, mas é que..

— Mas é que ?...

— É que as senhoras em Aveiro sahem pouco, e quando querem passeiar, passeiam em casa.

—Ainda aqui não vi uma senhora a passear.

—É tempo dos banhos. A maior parte das familias estão na Costa Nova, na Torreira, etc., etc.

— Por ahi tenho eu andado, mas não vi lá nenhuma.

— Isso não pode ser.

— Affianço-lhe que não vi nenhuma.

— Engano, puro engano seu.

— Se lhe digo...

— É que as senhoras estão...

— Onde estão as senhoras?

Calei-me e fingi que não tinha ouvido a pergunta.

A companhia dramatica não é abastada, e a caridade vae tão bem nas mulheres...

M. DE M.

Aveiro 29 de setembro de 1861.

sos lavradores e proprietarios a concorrerem á grande revista das forças productivas das nações, que vae celebrar-se em Londres; e de certo v. não se negará a prestal-a com aquella dedicação, que tanto distingue o jornalismo portuguez, sempre que se trata dos grandes interesses publicos.

Os expositores lucram individualmente, concorrendo a Londres, pelos premios que podem obter, e pela maior procura dos seus generos, que podem alcançar: mas o paiz, tomado como corpo politico, tambem tem um alto interesse em ser bem representado, não só como questão de capricho e pondunor nacional, mas ainda como occasião, a mais opportuna, aos povos reunidos, até onde chegam os recursos da sua productividade, em geral mal avaliados.

Hoje que se opéra um grande movimento de reconstrucção nas nacionalidades, torna-se indispensavel que não percamos tão propicia occasião, para mostrar o fundo de riqueza propria, que temos dentro das nossas fronteiras, e a vastidão dos recursos, que nos assegure uma bem fundada autonomia. Todas as industrias devem pois ter um vivo interesse em levar a Londres os productos do seu exforço, mas a agricultura, que é a principal, deve particularmente empenhar-se em abrir perante a Europa os thesouros inexgotaveis das suas riquezas.

Estas considerações são, de certo, obvias ao espirito esclarecido de v. e tomarão novo vigor e mais alta importancia, se merecerem o favor especial de serem desenvolvidas e expostas pela habil penna de v.

O programma incluso comprehende grande numero de exclarecimentos indispensaveis aos expositores, mas como é possivel que elles não sejam sufficientes, v. faria, de certo, um bom serviço a esta secção, se quizesse explicar e ampliar tudo que julgasse obscuro. E a este respeito cumpre-me chamar especialmente a attenção de v. para alguns pontos.

Em primeiro logar, a enumeração dos objectos a enviar á exposição não julga a secção que seja completa, e por isso convém que o bom senso dos expositores e das commissões filiaes suppram as omissões, que ali se dão.

Por outro lado, tambem não será ocioso notar que as quantidades indicadas para cada producto constituem quasi sempre um minimo, ou, pelo menos, uma média, sendo mesmo conveniente que dos objectos facilmente deterioraveis sejam enviadas quantidades superiores ás que se pedem.

Não façam tambem duvida os meios de acondicionamento apontados que ali estão postos como os que melhores pareceram, mas que podem ser substituidos por outros quaesquer mais accessiveis ao expositor, uma vez que não soffra a qualidade do producto.

Por ultimo esta secção ainda se atreve a lembrar a conveniencia de noticiar que, segundo informações enviadas de Londres, serão admittidos na exposição os vinhos de producção anterior a 1851, o que de certo dará grande vantagem aos cultores deste importantissimo ramo da industria agricola.

A secção desde já agradece antecipadamente todos os bons officios que v. se dignar empregar em favor da causa, em que está empenhada, reservando-se para posteriormente o fazer mais especialmente.

Deus, guarde a v. Sala das sessões da secção da industria agricula, no ministerio das obras publicas, em 5 de agosto de 1861. — Illm.º sr. redactor do jornal — o *Districto d'Aveiro*.—O vice presidente. — *G. J. Braamcamp*.

PROGRAMMA
DA
Sessão da industria agricola

AOS EXPOSITORES PORTUGUEZES.

Está designado o dia 1 de maio de 1862 para se abrir a exposição universal de Londres. Todos os povos industriaes foram convidados para concorrer a esta grande solemnidade internacional. O governo acceitando o convite comprehendeu o seu dever; o paiz deve comprehender o seu, acudindo briosamente a tão pundonoroso chamamento.

Com esta intuição o governo, per decreto de 10 de Abril de 1861, creou uma commissão presidida por El-Rei o sr. D. Fernando, protector generoso, amigo sincero e provado das artes, das industrias e de todas as cousas que podem engrandecer e afortunar os portuguezes.

A grande commissão foi dividida em cinco secções; e a primeira dellas, encarregada de promover a collecção dos productos agricolas, tem a honra de se dirigir por este meio a todos os proprietarios e agricultores do paiz, para lhes despertar a sua attenção sobre tão importante assumpto.

Se fosse menos conhecida a historia das exposições, e esta secção entendesse que não podia eximir-se de a referir, não iria por certo a terra de estranhos buscar a idéa d'estas festas industriaes: pois que, nos fins do seculo passado, foram ellas instituidas pelo venerando arcebispo da sé primaz, D. Frei Caetano Brandão, e solemnisadas na cidade de Braga pelas corporações dos mesteres, regularmente organisadas por aquelle virtuoso e eximio prelado.

Prestada está homenagem á honra racional, nem por isso fica menos respeitavel a memoria d'aquelles que desde então, nos diversos paizes, estabeleceram, animaram e protegeram estes novos arraiaes do trabalho, que vemos hoje transformados em verdadeiras instituições.

Injusto fôra que, a par d'estas considerações, se não memorassem os prestantes serviços feitos pela sociedade real de agricultura da Inglaterra, a quem se deve a applicação d'esta fecunda idéa aos concursos ou exposições especiaes dos productos agricolas. Elaborado o pensamento no famoso club de Smithfield, e dado á luz no dia 11 de Dezembro de 1837, sob a fórma de um eloquente discurso que lord Spencer pronunciou. e que foi energicamente apoiado pelo duque de Rechimont, atravessando a curta infancia de tres annos, já em 1840 havia assumido as amplas proporções de uma instituição nacional, robustecida por todas as condições da mais esperançosa virilidade.

Para traçar as feições principaes da sociedade real de agricultura da Ingleterra, com relação ás exposições agricolas, seja-nos permittido transcrever as palavras do distincto agronomo Trehonnais.

«A sociedede real, como todas as outras instituições puramente scientificas ou artistas da Inglaterra, é toda independente do governo, sendo comtudo uma instituição eminentemente nacional e ligada, na sua existencia, pelos mais estreitos vinculos, ao bem estar e á prosperidade do povo. A sua influencia não se exerce sómente na Inglaterra, estende-se ao mundo inteiro. Os governos estrangeiros esclarecem-se com as snas luzes por intermedio de seus embaixadores; e os ministros das colonias, e dos negocios estrangeiros do governo inglez, julgam-se obrigados a communicar-lhe tedos os factos interessantes, como o descobrimento de jazigos estrumes, acclimação de plantas novas e de animaes uteis, de que o corpo diplomatico lhes dá conhecimento.

«Mas é sobretudo nos concursos annuaes, que a sociedade real é verdadeiramente nacional; então é que ella ostenta o seu poder e a sua grandeza. Cada concurso é um acontecimento que dá brado em todo o imperio britannico; os preparativos que para elle se fazem antecipam-se por mais de um anno; as cidades, que ainda não tiveram a honra de celebrar dentro do seu recinto estas esplendidas solemnidades, disputam-na, enviando á porfia as suas deputações perante o conselho da sociedade, corroborando taes pretensões com a demonstração das vantagens das suas respectivas localidades, e com a liberalidade dos subsidios que offerecem.»

A sociedade real celebrou o seu primeiro concurso agricola na cidade de Oxford em 1839, e nos annos consequentes em outras diversas cidades do Reino Unido.

A comparação resumida, que em seguida se vê, dos resultados obtidos na primeira exposição, e nas que posteriormente se fizeram, manifesta a alta importancia desta instituição.

Annos	Localidades	Numero de machinas expostas	Num. dos animaes expostos.	Sommas fornecidas pelas cidades — Francos	Receita dos visit. — Francos	Num. dos socios
1839	Oxford..	23	350	–	30:000	2:127
1849	Norwich	1:882	794	25:000	54:000	5:512
1858	Chester.	3:288	1:444	45:000	154:000	5:223

O impulso dado n'este sentido pela sociedade real communicou-se a todas as nações cultascujos factos attestam com a maior authenticidade a poderosa influencia das exposições sobre todas as condições do progresso agricola.

Ainda não ha muito que mr. Rouher, ministro da agricultura em França, relatando os melhoramentos da industria agricola nos ultimos dez annos, a contar de 1848, asseverou que a producção frumentaria do imperio fracez havia augmentado de 1/3 por hecter, attribuindo quasi exclusivamente ás exposições agricolas esta significativa vantagem.

Os factos que ficam compendiados trazem comsigo a prova irrecusavel de que as exposições, comquanto hajam diffundido a luz do progresso em todas as zonas da esphera industrial, têem comtudo feito condensar sobre os productos e instrumentos do trabalho agricula os mais brilhantes reflexos da sua prodigiosa influencia. E não podia ser de outro modo, porque, sendo a agricultura a principal das industrias, é simultaneamente o tronco genealogico de todas ellas.

Mas cumpre observar que as exposições, sem todavia perderem a sua primitiva significação, têem, como todas as cousas humanas, soffrido uma rapida transformação, amplificando as suas funcções e especialisando os seus variados intuitos.

Assim vemos nós que, na sua infancia, os programmas não convidâvam á arena dos contendores senão os que se assignalassem pelo primor de suas obras ou pela originalidade de suas invenções. Era portanto aos atrevimentos do engenho e ás inspirações do talento artistico que se liberalisavam os premios e as distincções. Porém não tardou a oppor-se a este culto, exclusivamente prestado ao bello ideal, o dogma da sciencia economica, que na sua mais simples formula prescreve, que o trabalho mais productivo é o que satisfaz as primeiras necessidades da vida, e que é a essa applicação da actividade humana que se devem as maiores honras e as maiores distincções.

Vê-se pois que ao grande quadro das exposições são hoje convidados os grandes e os pequenos industriaes, os que lisonjeiam os caprichos do fausto e do luxo, e os que satisfazem as exigencias de todos os consumidores, desde os mais opulentos até aos mais desfavorecidos da fortuna.

Podem e devem portanto os nossos proprietarios e agricultores concorrer á grande exposição internacional de Landres, sem receio de que os seus productos sejam ali desconsiderados; porque, se elles se não distinguirem por uma circumstancia, podem avantajar-se por outra. Mais de uma vez têem sido premiados os productos mais communs e vulgares, por serem extremamente baratos, e poderem por este motivo satisfazer as necessidades das classes menos abastadas, que são as mais numerosas.

Se estas rasões bastam para resolver os nossos proprietarios e agricultores a exhibir os seus productos, outras de maior alcance instam para que elles acudam pressurosos ao convite que se lhes faz, ainda menos por attenção aos proprios interesses do que em nome do pundonor e dos brios nocionaes.

As nações do mundo civilisado hão de comparecer todas naquella grande solemnidade; e qual será o portuguez que fique indifferente, quando se trata de um assumpto a que está ligada a honra e a dignidade da nação?

No passado temos uma historia de que devemos ufanarnos. Mas as glorias de outro tempo não poderam salvar-nos da grande desconsideração que teremos de soffrer, se, possuidos de criminosa indolencia, não testemunharmos a extensão dos nossos recursos representados pela variedade, pela abundancia e pela excellencia das nossas producções ruraes.

Portugal não deve ceder a paiz algum a supremacia agricola com que a natureza o dotou. Estamos, é verdade, atrazados nos processos da cultivação. Mas sobejam-nos as condições de successivos melhoramentos, que podem elevar a nossa riqueza territorial a uma grandeza incalculavel.

É sobretudo para rectificar as mais inexactas asserções que a nosso respeito vogam impressas nos livros estrangeiros, que nós todos devemos unir os nossos esforços, e não deixar correr á revelia a nossa causa, e muito mais que para a sustentar dignamente não se exigem sacrificios.

Os vogaes da secção da industria agricula, abaixo assignados, nutrem a mais viva esperança de que este brado, que ella levanta, soará no coração de todos os portuguezes.

(Continúa)

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DA MARINHA E UTRAMAR

D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Art, 1.º E' o governo auctorisado a applicar á provincia d'Angola, no proximo anno economico, um subsidio extraordinario até á somma de 150:000$000 réis.

Art. 2.º O governo dará conta ás cortes do uso que fizer desta auctorisação.

Mandâmos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço das Necessidades, aos 22 de agosto de 1861.=El-rei, com rubrica e guarda=*Carlos B nto da Silva*.=Logar do sêllo grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

NOTICIARIO

Locomotiva. — Começa hoje a correr entre Canellas e Ovar a locomotiva que ultimamente ahi desembarcou com tanto custo.

Consta-nos que do Porto vem muitas pessoas convidadas pelo digno engenheiro o sr. Calderon assistir á inauguração daquella linha.

Nós tivemos igualmente a honra de receber um convite, que motivos imperiosos nos obrigaram a não acceitar.

Conta-se que por estes oito dias deverão ficar assentes os carris até á estação d'Ovar, o que dará 13 kilometros de via ferrea assente. Os engenheiros os srs. Calderon e Santa Maria, são d'uma actividade incansavel no vigoroso impulso que dão aos trabalhos.

Theatro — Tem havido recitas no theatro improvisado do Rocio. A companhia nem sempre tem merecido a benevolencia do publico que tem sido escaço na concorrencia.

Na recita de 4.ª feira em que subio á sceua o antigo mas sempre applaudido drama — *A leitora* — a concorrencia foi tão pequena que o espectaculo teria de ser addiado por não compensar as despesas se o sr. Valerio e a sua orchestra não tivessem a philantropia de se prestarem a tocar gratuitamente.

Hontem houve nova recita com o *Pedro Sem*. A concorrencia foi um pouco mais crescida.

A campanhia pensamos que se retira, e faz bem, porque nem tem casa, nem é agora o tempo mais asado para fazer fortuna, visto acharem-se a banhos muitas familias da cidade.

Vindimas— Estão-se fazendo com grande actividade, diz o «Viriato», havendo mais vinho do que se esperava.

A sua qualidade é magnifica, e se não é superior ao da colheita de 1834 pelo menos é tão boa. Já se acha nesta cidade o sr. Montes, agente da companhia que se propõe fazer compras em grande escala logo que os vinhos estejam em prova.

Segundo nos informam, em alguns sitios já pagam o vinho á bica a 2$000 e 2$200 rs. o almude, que corresponde a 42 e 46$000 rs. a pipa, mas alguns lavradores não têem accedido a esse preço, na esperança de o obterem maior em fevereiro e março.

Os vinhos brancos são muito procurados, e os genuinos deverão alcançar altos preços.

1.º de dezembro. — No Rio de Janeiro installou-se uma nova sociedade denominada — *Portugueza 1.º de dezembro*, com o fim de commemorar o anniversario da restauração de Portugal de 1640.

Consta que tencionão cotizar-se a fim de vêr se conseguem mandar construir um navio de guerra e offertal-o a S. M. El-rei o Sr. D. Pedro V.

Falla-se em ser uma fragata a vapor. A ideia não é nova, veremos contudo se se realisará.

Tambem parece que a dimissão do consul entrará no programma dos festeijos, por que o navio em questão só será offertado quando deixar de ser consul no Brazil o barão de Moreira.

Declaração — O *Nacional* declarou hontem, que a propriedade deste jornal, tornara a passar para o seu antigo proprietario, o sr. José Joaquim Gonçalves Basto, sem que todavia se alterе o seu programma politico, que continuará a ser seguido pela mesma fórma.

Grande peixe — Diz o *Nacional*, que hontem de madrugada apparecera na praia da Boa Nova, proximo a Leça da Palmeira, um peixe que o mar lançara por terra, e que tinha de cumprimento quatro metros e cincoenta cetimetros, e de grossura um metro e doze centimetros.

Residencia — Diz-se que o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos deixa Paris, e vem residir para Portugal.

Hospital provisorio. — Vae estabelecer-se interinamente na casa da quinta das Agoas Ferreas, propriedade do fallecido visconde de Veiros, o hospital militar, que até agora se achava situado no largo de S. João Novo.

Diz-se que o commissionario do governo, de harmonia com os srs. facultativos dos corpos e engengeiro militar Maciel, escolhêra para local do hospital em projecto o sitio que medeia entre a rua das Ballas e a rua da Boavista.

Feira de Famalicão. — Apesar de desfavorecida pelo tempo, esteve muito concorrida de povo a feira de S. Miguel em Villa Nova de Famalicão.

O movimento de transacções não foi na mesma rasão. Parece que a transacção de mais vulto que lá se deu foi a da compra de alguns cavallos para a Companhia Viação Portuense.

Houve *banca*, e é para estranhar que n'ella occupasse o primeiro lugar um deputado da nação!

Naufragios. — Na sexta-feira quando entrava a barra de Caminha o hiate *S. Jorge*, propriedade dos srs. Ruas & Irmão vindo de Lisboa com carregamento de sal e fazendas da praça, desgovernou em frente do castello da Insua e foi encalhar no sitio, denominado das Temerosas.

O barco não pôde safar-se n'aquella maré. Apesar dos soccorros mandados de terra pelos proprietarios e dos esforços da tripolação, o navio abriu pelo fundo na manhã do dia 28, salvando-se apenas parte dos apparelhos e carga da praça com algumas avarias.

Mais irmãs da caridade—Do *Transtagano* de 28: Na quinta feira, 26 do corrente, vieram, na mala-posta de Badajoz, com direcção a Lisboa, mais duas irmãs de caridade hespanholas.

Segundo o costume, os gurrdas do contracto e d'alfandega, passaram revista ás bagagens, e entre a daquellas encontraram um cesto, contendo 7 kilogrammas de bolos e 2 de chocolate, que disseram ser para seu uso. Observou se-lhes que era necessario despachar uma e outra cousa, e em seguida mandaram por um rapaz os bolos e o chocolate á alfandega, a fim de saber a importancia do despacho.

Veio o moço, dizendo que tudo custava 1$195 reis, e de novo voltou áquella repartição, perguntando se poderiam fazer-lhes algum abatimento, porque achavam excessiva a quantia que exigiam. Respondeu-se-lhes que não era possivel, porque a pauta não permittia abatimentos, e as senhoras resolveram deixar ficar os bolos e o chocolate.

Reconsideraram pouco depois, mandaram despachar, mas quando lhe apresentaram a guia, disseram que em Lisboa se queixariam da maneira como eram tractadas, obrigando-as a pagar direitos por tal insignificancia.

Achamos o facto tanto mais curioso, quanto é digna de notar-se a ameaça; porque demonstra a protecção com que contam, esquecendo que o empregado deve ser pontual no cumprimento dos seus deveres, e que não deve conhecer excepções, nem privilegios, que não venham apontados na lei.

Que pae e que mãe! — Em Inglaterra chama extraordinariamente a attenção publica uma triste historia.

Em 1855 vivia em Bruxellas com sua mãe mandame Burdette, uma joven de peregrina formozura, e que foi adoptada por uma senhora riquissima de Londres. Muitos mancebos pretendêrão casar com a linda donzella, mas a final obteve a sua mão um filho de Hill, o opulento banqueiro irlandez. No contrato foi assegurada ao marido uma grande fortuna no cazo de morrer antes d'elle sua esposa sem deixar descendentes. Os recem-cazados começaram a viajar, e como a esposa se achase de esperanças em Irlanda, quiz voltar a Londres para que se effeituasse nesta cidade o nascimento do filho: ao chegar porém a Rogy deu á luz um menino em uma mala-posta. Hill fez baptizar o recem-nascido, trocando o appellido e atribuindo-lhe por mãe uma senhora Leymour, tudo sem que o suspeitasse a verdadeira mãe. Poucos dias depois continuou para Londres com uma joven appellidada Parsous, levando o menino com pretexto de buscar uma ama. Ao chegar a Londres deu 16 libras e o menino a um trapeiro, auctorizando-o para ir pôr a creança na casa da beneficença, quando o julgasse conveniente. A pobre mãe chegou por fim a Londres e pediu que lhe mostrassem o filho; porém Hill entre-

lei do deputado Gonçalves, para a extindção da famosa contribuição para as estradas.

Continúa a colher grandes louros na predica sagrada o distincto cura da Sé cathedral do Funchal, o padre *Filippe José Nunes*. Este ecclesiastico é fóra de toda a duvida, não um discipulo, mas um imitador do nosso grande *Malhão*.

As noticias viniculas são desagradaveis.

Cereaes: trigo foi abundante a colheita — milho, foi boa — feijão, soffrivel — canas d'assucar, abundantissimas.

A camara do Funchal vae de mal para peior.

Cêrca de S. Domingos. — Andou em praça o arrendamento por trez annos da cêrca de S. Domingos, e foi arrematado no domingo 29 do passado pelo sr. José Maria Teixeira por 29$000 réis cada anno.

Toda a gente está espantada com este arrendamento, por que contava, que esta cêrca tinha sido dada pelo governo a esta municipalidade, ao menos assim o tinha mandado dizer de Lisboa a alguns seus amigos o sr. presidente da actual vereação, o illustre deputado por Agueda.

Assim vão terminando muitas illusões.

Naufragio.—Hontem 30 de setembro encostou ao cabedelo do sul da barra desta cidade o hiate Hercules, mestre João Simões Amaro, propriedade dos srs. Antonio Pereira & C.ª desta praça.

O hiate vinha de Lisboa com carga de carris de ferro e espartos; os primeiros pertenciam á empreza Salamanca. A tripolação pode sêr salva hontem mesmo á noute, e tratavão d'alijar carga, para ver se podiam salvar o hiate; oxalá que assim succeda.

Consta, que este sinistro proviera da grande agitação do mar quando o hiate tentava entrar a barra.

Á ultima hora — Asseveram-nos os empregados da alfandega, que o hiate está salvo, depois de ter alijado uma parte da carga.

Damos cordeaes parabens ao sr. Antonio Pereira & Comp.ª

CORREIO

LISBOA 29 DE SETEMBRO

(Do nosso correspondente.)

A *Liberdade*, a *Politica Liberal*, e o *Portuguez* publicaram na sexta feira o manifesto ou exposição do novo partido, e que traz as assignaturas d'alguns cavalheiros muito conhecidos e distinctos nas lides da imprensa e do parlamento.

Aquelle escripto é a manifestação do pensamento politico que juntou os signatarios e outros individuos para o fim d'advogar um certo numero de idéas governativas, reforçando o antigo partido progressista, e reunindo as forças d'elle, que estejam dispersas e disseminadas.

Quanto a mim, a exposição ou programma, contem tres pontos importantes, que determinam o intuito dos seus auctores e sectarios.

Alem, como já disse, de signnicar o empenho de estabelecer principios determinados em materia de governação, indica tambem uma separação completa dos caracteres, cuja politica é representada pela *Revolução*, e vae direito ao fim de debellar a reacção religiosa, que ultimamente se tem apresentado sem rebuço nas suas pretenções e exigencias.

O manifesto está redigido com muita cordura e moderação. Não ha partido militante que offenda nas apreciações que faz, nem homem politico cujas susceptibilidades não respeite, nem governo a que directamente procure aggredir. Estabelecendo um corpo de doctrinas de governanação, sem entrar em detalhes fastidiosos separa-se e distingue-se de todos ou quasi todos os programmas politicos, que tem sido publicados, desde que entrámos na vida constitucional, e parece destinar-se a dar uma nova teição á entidade governo, e ás opposições que se julguem devidamente habilitadas a mirar ao poder, a lançar mão delle, e a sustental-o.

Ha, principalmente, naquelle manifesto uma condição que não pode deixar de o tornar bem acceito para todos quantos vêem na reacção religiosa um perigo para a liberdade. No estado a que chegou essa reacção, e na maneira já clara com que se manifesta e pretende influir nas cousas publicas, era necessario tomar alguma resolução que désse bem a conhecer qual é a opinião do paiz.

A nação portugueza é essencialmente catholica, mas não é jesuita. O povo portuguez é religioso, mas regeita instituições, sem as quaes a genuina religião christã pode passar perfeitamente, não perdendo cousa alguma das suas eternas verdades. O paiz é liberal, e não quer que, á sombra d'uma supposta religião, vão sendo surdamente minados os principios liberaes, e ganhando terreno as theorias do absolutismo.

Tudo, pois, quanto seja oppôr um dique aos desejos immoderados d'uma facção perigosa, e que possa evitar no futuro a peior das discordias entre um povo, qual é a que procede de dissidencias em materia de religião, é um grande serviço que se presta a esta terra.

O manifesto tambem não se mostra opposição do actual ministerio, nem ministerial d'outro governo, ou d'outros homens. Parece ter em mira acabar com a falsa theoria da indispensabilidade de determinados nomes.

Eis qual é individualmente a minha opinião. Ha muito tempo que estou convencido de que o governo da nação deve ser de quem trabalhar mais e melhor no sentido de desenvolver as suas fontes do riqueza, aproveitar-lhe os recursos, dotal-a com os melhoramentos de que carece, e elevel-a por uma bem intendida direcção ao lugar que ainda pode occupar entre outras nações com muita honra e gloria.

El-rei, o sr. D. Pedro 5.º parte hoje de tarde para Villa Viçosa. Diz-se que S. M. conta demorar-se uns quinze dias no Alemtejo. Não o acompanha nenhum ministro. O sequito é muito limitado. Sae de Lisboa com um camarista, um ajudante de campo, e o sr. marquez de Sousa e Holstein.

O commandante da 7.ª divisão militar, conde de Bomfim, marchou antes d'hontem para Estremoz, a fim de preceder el-rei na sua viagem, e achar-se no seu posto, para poder receber o soberano na sua passagem por aquella villa.

Os augustos viajantes que daqui sairam no dia 18 do corrente, tem tido demora em Inglaterra. Sómente hontem é que largaram de Gravesende para Antuerpia. Assim o diz uma participação telegraphica chegada hontem. Deve-se á má interpretação da parte telegraphica, vinda de Southampton, o persuadir-se muita gente de que os augustos personagens não se demoravam em Inglaterra.

A barca *Martinho de Mello* ainda está no Tejo. Diz-se agora que sairá para Solor e Timor e Macau para o meado do proximo outubro. Bom será que não perca a monção propria de fazer a viagem á China, porque de deixar de aproveital-a sò podem seguir-se incommodos para os que embarcarem naquelle navio.

Já chegaram a Lisboa os restos da expedição que foi para Angola o anno passado. Morreu por lá um grande numero de officiaes, e os soldados chegaram n'um lamentavel estado de saude.

Da maneira porque os negocios estão montados nesta terra, hade haver muito poucos militares que se proponham a ir servir no ultramar. Ahi vae uma prova.

A todos quantos fizeram parte da expedição prometteu-se-lhes soldo dobrado desde a sua saida para Angola até que regressassem a Lisboa. Mas não aconteceu assim. O governador Calheiros logo que dêo por finda a expedição, suspendeu o soldo dobrado. Talvez fosse compellido a tomar esta medida por apuros do cofre; não duvido, mas o caso é que os officiaes e soldados não receberam o que se lhes prometteu.

Mas isto não é tudo ainda. Disse-se que ás viuvas e orfãas dos officiaes expedicionarios que morressem em Angola, em consequencia de ferimentos ou de molestias adquiridas na campanha, seriam dados os soldos por inteiro, como a lei de julho de 1827 dispõe em favor das orfãs e viuvas de officiaes mortos em combate. Pois ahi andam sem pão nem abrigo as viuvas e orfãas dos militares que succumbiram na Africa. Primeiramente demorou-se o despacho aos requerimentos que fizeram, em quanto não foi resolvido se era pelo ministerio da guerra ou pelo da marinha que deviam abonar-se-lhes as pensões; e agora, depois de decidida essa grave pendencia burocratica, dizem-lhes que esperem por cabimento pelo ministerio da fazenda.

Em vista deste resultado, quaes serão os officiaes que n'um caso urgente se offerecerão a ir para as colonias, se tem diante de si este triste exemplo? Não condemno os escrupulos das repartições em não quererem sair da regularidade que as leis geraes determinam; lamento que nas leis especiaes, como a que se votou por occasião da expedição d'Angola, não se previnissem todas as hypotheses, e não se dessem garantias segurissimas dos seus parcos interesses, tanto aos militares como ás suas familias.

O governo necessita de reforçar amiudadas vezes as guarnições européas das colonias. Não ha um recrutamento especial para este fim, a não ser o que se faz das praças de pret incorrigiveis. Para encontrar soldados e officiaes inferiores que se prestem a ir servir nas possessões ultramarinas é necessario offerecer-lhes vantagens e gratificações. Mas qual será a praça de pret que queira ir militar na Africa, dando-se-lhe por uma vez a gratificação de dez mil reis, se o preço das substituições no reino orça por cento e vinte mil réis?

Com isto tenho dito tudo. Cumpre reformar o systema que existe, e apprender do que faz a França, a Inglaterra e a Hollanda.

O sr. visconde da Luz sahio de Lisboa a fim de inspeccionar as obras das estradas do reino, e as da barra da Figueira.

Já se acham nesta capital, vindo pelo ultimo paquete de Southampton, os agentes da companhia emprezaria dos planos inclinados ao sul do Tejo. Era uma obra muito necessaria, e que sendo levada a effeito, prestará muito bom serviço ao commercio, e augmentará a importancia do porto de Lisboa.

Consta-me que vae ser brevemente inviada ao rei do Hanover a banda das trez ordens militares portuguezas.

O sr. Salamanca apresentou ao governo uma nova proposta para ser mudada a directriz do caminho de ferro de leste, na parte mais proxima da raia entre Portugal e Hespanha.

Não posso dizer com certeza em que consistem as propostas modificações. Creio, porém, pelas informações que tenho, que o sr. Salamanca deseja que o caminho de leste em vez de entroncar com a via ferrea de Hespanha por Badajoz, vá juntar-se com aquella que de Andaluzia venha por Caceres, junto a Campo Maior, deixando para a companhia do caminho de sueste a faculdade de estabelecer a sua directriz por Elvas e Badajoz.

Não posso affirmar se ha ou não vantagem nesta indicada mudança. O que sei é que a proposta foi feita, mais ou menos no sentido que aponto, e que o respectivo ministro está a estudal-a, sem que até agora se saiba se a adoptará ou não.

Ou já sahiu, ou está prestes a sahir para essa terra uma embarcação, que leva materiaes para as obras do caminho de ferro do norte, na parte que ha de ser construída nessa localidade. Dizem-me que a carga foi segura em cinco contos de réis.

O nosso amigo José Estevão parte para ahi por estes 2 ou 3 dias. Sua esposa tem experimentsdo consideraveis melhoras, mas não o acompanha.

No edificio interior do arsenal da marinha, contiguo ao torreão do oeste da Praça do Commercio, houve um desabamento da abobada. Este accidente, se fosse de dia, podia ter feito muitas victimas; felizmente, foi de noite. Ha quem attribua aquelle facto a falta de cuidado na construcção, e outros ainda lhe dão uma origem peior. Não será mau que se proceda a um inquerito, e se houver crime, que seja punido.

Publicou-se aqui, e distribuiu-se por todos os botequins uma declaração sobre uma questão melindrosa de familia, que deixou admirados e escandalisados a quantos a viram ou tiveram noticia della. É impossivel que quem a fez e assignou estivesse no uso pleno das suas faculdades intellectuaes.

Tive más noticias da Ericeira do pobre Lopes de Mendonça. Coitado! Está ali a banhos; dizem-me que se vão tornando muito pronunciados os symptomas de amollecimento cerebral.

Rebello da Silva tambem está gravemente enfermo na sua casa do Valle, proximo a Santarém. Creio que ha todas a esperanças de o salvar. Sería uma grande perda para as letras se elle succumbisse agora, quando ainda está em todo o vigor da idade madura.

Estrêa-se hoje na praça do Campo de Santa Anna a companhia anglo-americana, cuja chegada lhe annunciei na minha ultima correspondencia. O cartaz que affixou não pode ser mais pomposo.

Tambem hontem á noite houve uma felicissima estrêa no theatro do Gymnasio. A sala estava completamente cheia, e a actriz *debutante* não podia ser melhor recebida. É certo que revella grandes dotes artisticos, e que, a continuar na carreira, tem diante de si um brilhantissimo futuro. Chama-se a snr.ª D. Adelaide Eduarda, que ouvi dizer ser casada com um official do ultramar.

O sr. D. Pedro V e o sr. D. Fernando honraram com a sua presença a estrêa da novel actriz. A peça em que entrou é uma comedia n'um acto, que se intitula «*A esposa deve acompanhar seu marido*». Tem magnificas situações e muito enredo, e está esmeradamente traduzida pelo sr. Julio Cezar Machado.

O que hoje dá alguma vida á nossa politica interna é a discussão sobre o manifesto e a creação do novo partido. A politica externa não offerece cousa digna de notar-se. A exposição de Florença esteve brilhante e muito concorrida. O rei Victor Manoel dirigiu uma allocução muito significativa em resposta ao discurso dos membros da exposição. S. M. parte para Napoles, onde vae haver mudança no pessoal superior da administração, sendo substituido o general Cialdini, que ficará unicamente com o commando do exercito de operações.

A alfandega grande rendeu até hontem réis 223:560$727.

A alfandega municipal até á mesma data 65:272$868 reis. As inscripções d'assentamento regulam pelo preço entre 48 e 48 1/2; e as de coupons entre 47 3/4 e 48 1/4.

EXTERIOR

Londres 22.—O *Office Renter* publica estas noticias de Nova York.

A resposta de mr. Stewart á nota russa manifesta a satisfação do governo federal ao receber essa nova prova da amizade da Russia para a America.

Correm boatos de que dez regimentos confederados abandonaram a Verginia com o fim de protegerem as costas da Carolina do Norte. Falla-se em nova expedição que se prepara contra as costas do sul. Um regimento de Lesburgo sublevou se e dissolveu-se. Uma companhia de um regimento de atiradores tratou de desertar; as outras tropas fizeram fogo sobre ella, matando dois soldados. Os outros foram presos.

O general Folk propõe ao governo de Kentuki que os confederados e federaes se retirem do Kentuki, que então permauecerá neutral.

Reina grande actividade nos arsenaes da marinha federal.

As ultimas noticias de Florença dão-nos conta do discursó pronunciado pelo rei de Italia na abertura da exposição industrial. Os telegrammas de Turin, neste ponto, haviam sido incompletos, como quasi sempre.

Ao discurso pronunciado na abertura da exposição pelo marquez Ridolfi, sua magestade respondeu nos termos seguintes:

«Agradeço-vos, sr. presidente e srs. da commissão, os sentimentos que acabaes de manifestar.

«Vejo com a maior alegria, que as guerras corajosamente sustentadas pela nação e as deliberações inspiradas pela sabedoria para a constituir, em nada diminuiram nos italianos o amor das sciencias e das artes, de que hoje se vêem aqui tão esplendidos productos. As sciencias e as artes figuraram sempre no numero dos privilegios mais preciosos desta querida patria; ellas serão de futuro as pedras mais preciosas da minha corôa. Os seus destinos engrandecer-se-hão apar dos destinos da Italia; instrumentos os mais efficazes da gloria e da prosperidade da nação, ellas merecem e alcançarão toda a minha sollicitude e a do meu governo.

«Desde já me felicito comvosco e com os vossos collegas pelo feliz exito dos cuidados que consagrastes a esta primeira exposição industrial italiana: alegra-me que a cidade de Florença, que tantas provas tem dado do seu amor pela patria, e que tão efficaz auxilio tem prestado á causa nacional, fosse escolhida para inaugurar esta solemnidade, que concorre poderosamente para augmentar a grandeza da nação.»

De uma correspondencia de **Florença** extraímos os paragraphos seguintes:

«Diremos ainda alguma coisa ácerca das palavras dirigidas pelo rei á municipalidade de Florença. Não fallamos do discurso official que appareceu nos periodicos, mas sim de uma conversação um pouco mais intima que teve sua magestade com aquelle corpo de cidadãos.

Victor Manuel não dissimulou as difficuldades da questão de Napoles, porém espera resolvel-as á força de energia e honradez. Quanto a Roma ha pessoas que desejam que se corte o nó gordio, porém preferimos desatal-o. Quanto a Veneza é necessaria uma guerra, mas antes d'isso cumpre se proceda á organisação de um forte exercito. Feito isto não faltarão pretextos para se atacar a Austria.

Este discurso pode ser considerado como essencialmente pacifico, apesar da ultima phrase que só na apparencia é bellicosa. Podemos garantir a sua exactidão quanto ao sentido geral.»

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 28 de setembro

ENTRADAS

PORTO, Rasca port. Carolina, mestre A. S. Amaro, 12 pessoas de tripolação, lastro.

Em 30.

LISBOA, Rasca port. Amisade, mestre, J. Franco, 10 pessoas de tripolaçãa, ferro.

ANNUNCIOS

Pela direcção das obras publicas do districto de Aveiro se faz publico que no dia 6 do proximo mez de outubro, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, no edificio da secretaria da direcção das mesmas obras, se ha de pôr em praça o fornecimento da mobilia abaixo designada para o lycêu de Aveiro; podendo tambem aquelles que quizerem arrematar o mesmo fornecimento, dirigir as suas propostas, em carta fechada, á direcção das obras publicas do districto, até ao dia designado para a referida arrematação, em que os proponentes ou seus delegados deverão comparecer.

As condições relativas a este contracto estarão patentes no acto da arrematação.

Mobilia

Trez estantes d'oleo ou caixão com molduras e caixilhos de vidraça.
Quatro mesas da mesma madeira.
Uma mesa grande para os exames.
Seis mesas pequenas para o mesmo fim, d'oleo ou caixão.
Trez bancadas em amphitheatro para as trez aulas.
Trez cadeiras para os professores nas trez aulas.
Uma pedra para a aula da terceira cadeira.
Oito duzias de cadeiras de palhinha.
Uma estante para a secretaria.
Uma secretária para a mesma.
Uma estante para os editaes.
Quatro bancos d'encosto para o salão da entrada.
Quatro ditos para a entrada.
Uma escada movel, grande, d'oleo ou caixão.
Outra mais pequena.

Aveiio 14 de setembro de 1861.

Silverio A. P. da Silva

Engenheiro director.

THEATRO NACIONAL

NO ROCIO

Quarta-feira 2 de outubro de 1861

EM BENEFICIO

Do actor = *José Antonio Ferreira Junior* =

A companhia dramatica portuense tem de representar nesta noite o seguinte espectaculo:

A 1.ª representação do drama em 2 actos

A Leitora, ou uma loucura de rapaz.

No fim d'este drama — o sr. Carvalho, em obsequio á companhia, recitará uma scena comica ornada de couplets.

O espectaculo terminará com a 1.ª representação da interessante comedia em 2 actos, intitulada

O CONDE DE PARAGARA'

Preços os do costume. — Principiará ás 8 horas e meia da noite.

RESPONSAVEL — *Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.*

Typographia do Districto d'Aveiro.